

ESPORTIVIZAÇÃO E GENIALIDADE NO XADREZ: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Amanda Mello Andrade Araujo

Resumo: Busquei neste ensaio levantar problematizações preliminares acerca das categorias gênio e esporte no universo enxadrístico. O xadrez frequentemente é reconhecido com uma atividade para poucos, apenas para aqueles dotados de capacidade cognitiva elevada. Expressão de inteligência individual, ele suscita fascínio porque, de um lado, parece ser restrito a alguns que já tenham nascido com esse dom e, de outro, sobre ele recai uma visão instrumental de sua prática, na medida em que pode ser visto como meio para "manutenção cognitiva". Paralelamente, embora frequentemente referido como jogo, é uma atividade com um grau de institucionalização equivalente à de outros esportes mais conhecidos e que passou por um processo de esportivização com especificidades que tensionam as noções teorizadas. A partir desses contornos, discuto brevemente como os nativos significam essa relação entre esporte e xadrez.

Palavras-chave: Xadrez, Antropologia do esporte, Dom, Esporte, Jogo.

Sports and genius in chess: first comments

Abstract: In this essay I tried to raise preliminary questions about the genius and sport categories in the chess world. Chess is often recognized as an activity for the few, only for those with high cognitive ability. An expression of individual intelligence, it arouses fascination because, on the one hand, it seems to be restricted to some who have already been born with this gift and, on the other, it bears an instrumental view of their practice, insofar as it can be seen as means for "cognitive maintenance." At the same time, although often referred to as gambling, it is an activity with a degree of institutionalization equivalent to that of other more well-known sports and which has undergone a process of sporting keeping some specificities. From these outlines, I briefly discuss how the natives signify this relationship between sport and chess.

Keywords: Chess, Anthropology of sports; Gift; Sport, Play.

Xadrez: séculos de uma gramática específica

1.e4 c5 2.c3 d5 3.exd5 Qxd5 4.d4 Nf6 5.Nf3 Bg4 6.Be2 e6
7.h3 Bh5 8.o-o Nc6 9.Be3 cxd4 10.cxd4 Bb4 11.a3 Ba5
12.Nc3 Qd6 13.Nb5 Qe7 14.Ne5 Bxe2 15.Qxe2 o-o 16.Rac1
Rac8 17.Bg5 Bb6 18.Bxf6 gxf6 19.Nc4 Rfd8 20.Nxb6 axb6
21.Rfd1 f5 22.Qe3 Qf6 23.d5 Rxd5 24.Rxd5 exd5 25.b3
Kh8 26.Qxb6 Rg8 27.Qc5 d4 28.Nd6 f4 29.Nxb7 Ne5
30.Qd5 f3 31.g3 Nd3 32.Rc7 Re8 33.Nd6 Re1+ 34.Kh2
Nxf2 35.Nxf7+ Kg7 36.Ng5+ Kh6 37.Rxh7+ 1-0¹.

Não, não há problemas de digitação no parágrafo acima. Aqueles mais familiarizados, saberiam dizer que se trata de um registro característico de uma partida xadrez. Talvez um entusiasta ainda mais fervoroso lembrasse que essa notação decorre de um dos embates memoráveis que aconteceu em 1996 entre o grande mestre Garry Kasparov e o computador da Microsoft Deep Blue, criado exclusivamente para este fim. É nesse lugar entre ser instrumento de um embate épico entre humano versus máquina e representar uma gramática incompreensível para a maioria das pessoas que mora o xadrez, esporte ainda por ser explorado pela Antropologia².

Um jogo milenar, cuja origem acredita ter se dado na Pérsia entre os séculos V e VI sob o nome de *chatarang*, o xadrez acompanhou o curso de diferentes sociedades e que por essa razão foi sendo ele mesmo reconfigurado e adaptado em cada contexto social e histórico até ganhar hoje a disposição e denominação que conhecemos. É provável que nenhum outro jogo tenha perdurado por tanto tempo e sendo absorvido por sociedades tão diferentes. Segundo Shenk (2002), o diferencial em relação aos demais jogos em períodos remotos residia no fato de se tratar de uma atividade puramente intelectual, enquanto a maioria dos jogos à época empregavam instrumentos de sorte. Além disso, sua emergência e difusão coincide com o desenvolvimento do sistema numeral indiano, tendo sido o tabuleiro e as peças frequentemente usadas como ábaco, conforme constam alguns registros históricos (SHENK, 2002).

¹ Essa e as demais notações das partidas de xadrez Kasparov versus Deep Blue podem ser encontradas no link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Match_Garry_Kasparov_vs_Deep_Blue (acessado em 14 de dezembro de 2020)

² Até o momento, ao menos duas publicações que se dedicam ao xadrez foram encontradas na área da Antropologia (FINE, 2014; DESJARLAIS, 2011)

Nesse sentido, o xadrez em sua origem foi um importante instrumento para a disseminação do pensamento abstrato. Já na Europa medieval, mais importante do que contribuir para o desenvolvimento intelectual, o xadrez serviu fortemente como artefato simbólico para educação moral e compreensão da posição social a partir da publicação de manuais de conduta amplamente conhecidos na época. Não obstante isso, tendo chegado a diferentes pontos da Europa por meio diversos, as regras do jogo tinham especificidades regionais e a única característica reinante era ser um jogo excessivamente lento. Foi apenas a partir do século XV que as regras se universalizaram pelo continente europeu e o dinamismo apareceu, sobretudo com a força de mobilidade que as peças do bispo e da dama ganharam³.

Essas características com o tempo fizeram do xadrez um símbolo importante para as metáforas sociais e políticas, sendo elemento vivo nos espaços de convivência da aristocracia europeia. Desde então, o jogo não deixou mais de se fazer presente em ambientes e momentos políticos decisivos, sendo usado frequentemente como metáfora em embates diplomáticos, chegando ao seu ápice de importância na história política mundial recente ao ser tomado como “expressão de um orgulho nacionalista para os regimes totalitários que buscavam provar sua superioridade moral e intelectual” (SHENK, 2002, p. 163).

Da mesma forma que diferentes modalidades esportivas que demandam força física operaram como uma espécie de metáfora da Guerra Fria, sofrendo por efeito investimentos maciços no desenvolvimento do treinamento esportivo e dos processos de doping por parte das potências econômicas da época, conforme aponta Vaz (2007), de modo semelhante o xadrez era tomado como expressão do intelecto de uma nação, ainda que fosse jogado por um indivíduo contra o outro. Exemplares nesse sentido foram os jogos que ficaram conhecidos como as “Partidas do século” que aconteceram em 1971 entre o americano Bobby Fischer e o russo Boris Spassky, então campeão mundial.

Com o desenvolvimento tecnológico da segunda metade do século XX, contrariamente ao que se poderia pensar, muito mais olhos se direcionaram para esse jogo. Por um lado, o xadrez passou a ser o meio pelo qual os cientistas - ávidos por desenvolver uma máquina pensante - conseguiriam testar e comparar as capacidades

³ O protagonismo da peça da dama dentro do jogo, segundo Shenk (2002), não por acaso foi instituído no reinado de Isabel de Castela da Espanha, que era uma figura extremamente atuante e influente politicamente.

humanas e das máquinas. Por outro, ia se tornando cada vez mais jogado com o advento das plataformas de jogos virtuais. A intenção deste breve panorama histórico foi apenas de chamar atenção para a riqueza desse jogo que assim como o futebol⁴ guarda elementos que se articulam com diferentes contextos sociais em tempos diversos, o que mostra a relevância do esporte para ser abordado a partir de uma perspectiva antropológica.

Questões preliminares e aspectos metodológicos

O interesse pela pesquisa neste universo partiu de um comentário *en passant*⁵ de meu orientador durante as aulas da disciplina de Antropologia dos Esportes, segundo o qual nenhuma pesquisa antropológica havia se debruçado sobre o universo enxadrístico no Brasil até o momento. Além de guardar certa simpatia pelo jogo que esteve presente na minha infância, minha curiosidade aumentou ainda mais ao ensaiar algumas aproximações a esse universo. Ao efetuar uma pesquisa preliminar no banco de teses da CAPES sobre o que tem sido estudado a respeito do tema, usando o descritor “xadrez”, foi possível observar um elemento interessante. Há uma quantidade expressiva de dissertações e teses que se dedicam ao tema. Em outras palavras, não se trata de uma prática social esquecida pela ciência. Curiosamente, a maior parte delas concentra-se na área da Educação (14), Matemática (12), Ciência da computação (6) e Psicologia (6)⁶. Um número considerável dessas investigações busca relacionar o aprendizado do jogo ao desenvolvimento de capacidades cognitivas⁷. Enquanto buscava obter um primeiro nível de compreensão desse universo pouco familiar para mim ainda, assistia, nas horas vagas, a uma série de streaming lançada em 2020 chamada “O Gambito da Rainha”⁸, cuja narrativa girava em torno de uma enxadrista prodígio que tornou-se campeã mundial, o que me ajudou a compor o quadro de indagações que trago abaixo.

⁴ Se já é admitido que os esportes são lócus importantes de observação para compreensão de questões sociais mais amplas, nos estudos antropológicos o futebol é a modalidade mais privilegiada. O esforço deste artigo, e mais adiante com a tese, é apontar para horizontes pouco observados.

⁵ *En passant* é também uma jogada do xadrez. Trata-se da captura de um peão que acabou de passar pelo peão adversário.

⁶ Acesso ao Portal Capes feito em 17 de dezembro de 2020.

⁷ Apenas para citar alguns: Melo (2015), Rodrigues (2015), Junior (2017), Neves (2017) entre tantos outros.

⁸ A série foi considerada um fenômeno pela plataforma e teve em torno de 62 milhões de visualizações durante o ano de 2020. Além disso, a série ganhou o Globo de Ouro em 2021 na categoria de melhor produção e melhor atriz.

As perguntas que surgiram sobre o tema neste momento foram: que prática é essa, cuja dinâmica está pautada em uma visão instrumentalizada? Por que o xadrez é entendido socialmente como uma atividade que objetiva o aumento da capacidade cognitiva? O xadrez é considerado um esporte? Da mesma forma que as práticas de fitness são frequentemente relacionadas a meios para os quais busca-se a obtenção de um corpo saudável, parece haver uma crença de que o xadrez opera como um instrumento para a saúde da mente, para manutenção e para expansão das suas capacidades⁹. É como se o xadrez fosse o meio e não o fim em si mesmo, na contramão do que afirma Huizinga sobre a natureza do jogo, destacando inclusive o próprio xadrez como exemplo. Ou ainda, de que ele seria a ferramenta que possibilita a expressão da genialidade, quando essa capacidade cognitiva é percebida como sendo inata.

Ainda nesse esforço de aproximação, eu busquei informações sobre o universo enxadrístico atual através de sites, vídeos e artigos para entender um pouco mais sobre a constituição do campo. Não demorou muito para que eu me deparasse com uma website de uma famosa revista de xadrez. E a frase de destaque na página inicial logo chamou minha atenção: “American Chess Magazine - where the greats minds meet”. Vistos como portadores de “grandes mentes”, os enxadristas competidores são frequentemente interpelados sobre suas capacidades cognitivas, sobre quantos movimentos são capazes de calcular antecipadamente, por exemplo. Grandes Mestres¹⁰ como Magnus Carlsen e Garry Kasparov, entre outros jogadores, ficaram conhecidos como crianças prodígios, dotados de grande talento, tendo começado suas carreiras no xadrez muito precocemente. Nesse sentido, tendo em vista que a categoria do gênio parece atravessar o universo esportivo do xadrez, questiono de que modo a noção de genialidade é significada nesse contexto e como ela se articula ao processo de esportivização do jogo.

Este ensaio não se propõe responder por inteiro a pergunta colocada, pois tal empreendimento exigirá um percurso mais denso que está apenas se delineando. Por ora, a intenção aqui é levantar algumas problematizações a partir principalmente de

⁹ O primeiro interlocutor com o qual estabeleci contato e sobre o qual falo adiante, além de ser jogador profissional e árbitro internacional de xadrez é também professor da modalidade. Seus alunos são de faixa etária diversa, desde crianças até idosos que, segundo ele, buscam principalmente a “manutenção cognitiva”.

¹⁰ Vale registrar que o título de Grande Mestre é vitalício e geralmente a menção ao nome do portador precede das iniciais do título. Portanto, encontra-se por aí GM Magnus Carlsen, GM Garry Kasparov. Além desse título a FIDE concede outros, como Mestre FIDE, Mestre internacional, Mestre Nacional. Para cada um deles, níveis diferentes de rating são exigidos.

um exercício teórico, mas também me valendo de algumas informações preliminares do trabalho de campo ora em curso que busque articular a noção de genialidade a do esporte. A discussão torna-se relevante na medida em que pesquisas no âmbito da Antropologia do Esporte no Brasil, em diferentes modalidades, já apontam para a constância dos diferentes significados da categoria do dom no contexto esportivo¹¹.

Em tempo, esclareço brevemente sobre como a pesquisa tem se desenvolvido metodologicamente até o momento. O site da federação de xadrez do Rio de Janeiro dispõe de uma lista de professores da modalidade disponíveis em todo o estado. Identifiquei um professor que ministra aulas na cidade em que resido e enviei-lhe um e-mail explicando sobre a pesquisa e também manifestando interesse nas aulas de xadrez virtuais considerando que estão em vigor no Brasil nos anos 2020/2021 medidas de isolamento social em razão da pandemia COVID-19. Inicialmente, vislumbrava a ideia de tomar aulas muito mais como uma possibilidade de aproximação e manutenção da relação com algum interlocutor até que, cessado o isolamento social, futuramente eu pudesse fazer imersões no clube de xadrez da cidade sem grandes dificuldades. Contudo, as aulas têm se mostrado mais relevantes que isso. Primeiro porque, se retomo o que Wacquant (2002), em seu estudo etnográfico sobre boxe, diz citando Bourdieu, segundo o qual, todo aprendizado passa pelo corpo, consigo compreender aspectos estéticos, técnicos, cognitivos e afetivos que me suscitam o jogo. Segundo, a condição de aprendiz tem me levado a participar de torneios de xadrez virtuais, organizados pelo clube de xadrez da cidade através de grupos de WhatsApp, no qual os jogadores interagem e comentam sobre os jogos.

Ademais, além da disponibilidade para ministrar aulas por parte desse meu professor/interlocutor que aqui chamarei de Fábio¹², ele mostrou-se bastante interessado em ter alguém desenvolvendo uma pesquisa sobre seu “amado esporte”, como me disse no primeiro e-mail que trocamos. Tamanho entusiasmo expressou-se em uma insistente disponibilidade para conversar a respeito da modalidade, o que me fez “entrar em campo” antes do previsto. Também nas primeiras semanas de conversa, Fábio já havia me passado contato de ao menos três enxadristas para conversarem comigo e eventualmente me perguntava se eu já havia agendado uma conversa. Ainda que essa primeira aproximação tenha se dado de forma quase que compulsória e por

¹¹ Ver Damo (2005), Giglio et al. (2008).

¹² Os demais interlocutores também tiveram seus nomes alterados para fins de preservação da identidade.

tanto sem grandes dificuldades, para a pesquisa que ora se desenha, não se pode negar também que as limitações que a pandemia impôs, converteram-se em possibilidades, pois curiosamente até aqui todos os interlocutores se fizeram prontamente disponíveis para entrevistas virtuais e mostram-se bastante à vontade para responder às perguntas feitas.

“Xadrez não é sempre competição. Xadrez pode ser bonito também”

Segundo Bourdieu (1983b), uma das formas de compreender a posição social de um esporte em relação aos demais é a partir da análise de um conjunto de indicadores objetivos, como organização institucional, grau de racionalização e outros. Seguindo a esteira desse programa, nota-se que o xadrez desfruta de uma organização relativamente estável e institucionalizada, dispendo de uma federação internacional (FIDE) com 192¹³ membros associados que organiza e universaliza os processos de ranqueamento e torneios internacionais da modalidade. Segundo dados da própria federação internacional, o Brasil registrou em 2019 um total de 5340 jogadores filiados¹⁴. Os jogadores filiados são agrupados em um sistema de classificação (rating) absoluto em que não se diferenciam gênero e nem faixa etária, ainda que torneios com essa segmentarização sejam promovidos pela própria FIDE e pelas federações nacionais.

Esse grau de regulamentação coloca o xadrez no mesmo patamar de organização de outros esportes modernos, como o futebol, modalidade exemplar para os autores pioneiros na teorização do fenômeno esportivo. Contudo, me valendo das teses de Elias e Dunning (1992) - dois conhecidos autores que se dedicaram ao assunto - sobre a relação entre processo civilizador e esportivização, noto que o xadrez contém especificidades que tensionam a noção de esporte desenvolvida por eles.

À luz dessa teoria, posso ser levada a pensar que o xadrez representaria o ápice do desenvolvimento esportivo, sobretudo porque se trata de um confronto altamente simbólico em que haveria uma sublimação máxima da violência - exemplar nesse sentido é a denominação bélica das peças que sequer se tocam -, pois mais do que em qualquer modalidade o combate aqui é entre peças, cuja movimentação decorre de tomadas de decisões fundamentadas no raciocínio lógico. Porém, a própria história da

¹³ Esse número de filiados coloca a FIDE ao lado das federações esportivas com maior quantidade de membros como a FIFA que possui atualmente 193 associados.

¹⁴ <https://www.fide.com/news/288>

modalidade, como destacamos brevemente acima, mostra que não passamos a jogar xadrez porque nos tornamos mais civilizados. O grau de simbolização é tão antigo quanto o próprio jogo. O que aconteceu foi apenas um processo de racionalização, burocratização e universalização das regras em torno do xadrez que deu suporte para o desenvolvimento de um subcampo esportivo relativamente autônomo (BOURDIEU, 1983), com todo aparato de produção simbólica girando em torno da modalidade e agentes participando ativamente.

Se por um lado esse grau de organização permite aproximar o xadrez de esporte, por outro, um olhar antropológico precisa atentar para como os participantes envolvidos significam e concebem essa ideia. Nessas primeiras incursões e interlocuções, o que parece aproximar o xadrez do processo de esportivização, aos olhos dos participantes, é o elemento da competição, algo também destacado como aspecto definidor do esporte moderno por Elias e Dunning. Nos contatos preliminares com os nativos, foi possível identificar que o significante esporte não é mobilizado para colocar o xadrez em um ou outro lugar social. Por outro lado, não foi difícil notar que a referência ao xadrez competitivo aparece estabelecendo relação entre um significante e outro. Jogar torneios, seja em nível clubístico, escolar ou promovido pelas federações é o que aproxima o xadrez de uma ideia de esporte.

Eu conheço muita gente que gosta de estudar, mas detesta competir. Conheci coroas. O cara não gosta de ir em clubes, não gosta de competir, não gosta do ambiente. Às vezes deve ter até algum bloqueio em relação a isso. [...] Ele não gosta de competir, ele gosta da arte, ele gosta do jogo, gosta do objeto de pesquisa. Gosta de se aprimorar naquele campo do conhecimento. Você não tem ideia de quanta gente já encontrei que ninguém do meio conhece. Tem muitos caras, muita gente fascinada pelo xadrez que encara ele como uma ciência, como arte e não como um esporte competitivo (Entrevista com Fábio).

Essa mesma fala de Fábio apresenta uma informação que talvez seja mais relevante para essa discussão. Relativiza-se a relação entre xadrez e esporte, mas reforça-se sua associação com a ciência e com a arte. Em outro momento da conversa Fábio é claro: “xadrez não é só esporte” (grifo meu). O destaque de que o jogo é também ciência e arte é um registro que encontrei na fala de outro nativo e que aparece também em uma rápida menção durante entrevista do Grande Mestre brasileiro Krikor Mekhitarian¹⁵. Disso infiro que a relação com a ciência parece se estabelecer em razão da natureza do jogo, que é pautada na lógica exclusivamente. Estuda-se xadrez. Em

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=odI2xcTWeyS>

outras modalidades, o termo substitutivo seria naturalmente “treino”. Embora essa não seja uma expressão que parece ser rechaçada pelos enxadristas, sua referência parece circunscrever-se à dimensão tática do jogo.

Basicamente, o jogo de xadrez exige duas formas de conhecimento: dimensão estratégica, isto é, de desenvolvimento de um plano de ataque e defesa que se define geralmente nos primeiros lances da partida e a dimensão tática que são padrões de jogadas frequentemente encontrados nos jogos, geralmente identificados no contexto de um ou dois lances. A capacidade de identificação desses padrões é algo mecânico ou “braçal” como diria um de meus interlocutores. Sendo assim, trata-se de um atributo específico do jogo e totalmente treinável.

Certa vez disse-me Vicente, membro associado a um clube de Niterói, “xadrez é 50% jogo e 50% estudo”. O aprimoramento no jogo se alcança com trabalho de análise e interpretação tática de partidas, bem como com estudo de abertura, meio e finais de jogo¹⁶. Nesse sentido, tão importante quanto o jogo em si, é o momento posterior a ele em que o enxadrista se dedica à análise e ao repasse dos lances para encontrar suas fraquezas. Uma parte considerável do tempo das aulas que tenho tido é destinado à análise de partidas de diferentes Grandes Mestres.

Já a relação com a arte se dá pela identificação de lances considerados belos, que no xadrez são aqueles que: podem produzir ataques precisos às peças de maior valor, uma estratégia de jogo bem definida que se consagra ao final da partida ou um sacrifício de uma peça que leva à vitória. Como me lembrou Fábio durante uma de minhas aulas, acessar essa condição é algo apenas para os iniciados. Trago abaixo um trecho de meu diário de campo em que isso fica evidente.

Em alguns jogos, comecei a perceber certa beleza contida principalmente em jogadas que geravam vantagens, mas que eu tinha que “quebrar a cabeça” pra fazer. Percebo que descobrir um bom lance oculto dentro de uma partida depois de muito pensar, me gera uma empolgação e isso me motiva a jogar. Ontem, durante a aula, enquanto passávamos alguns lances táticos, comentei com Fábio sobre isso que senti. Ele me disse o seguinte: “tenho uma notícia boa e uma ruim para te dar. A boa é que ver essa beleza no jogo não é para qualquer um. A ruim é que isso pode alterar radicalmente a sua vida”. (Trecho diário de campo, 03/02/21).

¹⁶ Essas informações preliminares impõem a necessidade futura de compreender como se dá o treinamento do enxadrista.

Essa mesma relação do xadrez com a beleza de certos lances aparece no trabalho etnográfico feito por Desjarlais (2011) em clubes de Nova Iorque na primeira metade do século XXI, bem como na famosa série de TV “Gambito da Rainha”, na qual a personagem principal, uma enxadrista prodígio que se torna jogadora profissional, profere a frase que abre esta seção. Equiparar o xadrez a esses dois domínios socialmente relevantes (arte e ciência), provavelmente contribui para conferir certo prestígio social à prática, o que talvez reforce a noção de genialidade, categoria que interpela ora em maior, ora em menor grau esse campo e que será discutida adiante.

Dom e disciplina

Acompanhar uma partida de xadrez para a maioria das pessoas pode não ser uma atividade empolgante. Ainda que se tenha algum conhecimento sobre as regras, o que geralmente se reduz a saber sobre os limites e as possibilidades de movimentação das peças, pode se dizer que a maior parte do jogo do xadrez não se materializa no desenvolvimento real das peças. Fine (2014) afirma que a especificidade do jogo reside em sua dimensão virtual, ou seja, que acontece majoritariamente na mente. Essa afirmação de Fine se materializa em uma estratégia didática usada por Fábio durante minhas aulas, que é a de exercitar a imaginação de uma possível sequência de lances. Embora eu ainda não tenha identificado alguém que negue que o xadrez é um jogo do intelecto, a menção à importância do corpo ou das emoções não é rara e deverá ser observada no futuro.

Por ora, é possível afirmar que no xadrez para cada lance efetuado no tabuleiro, outros tantos são abandonados e a escolha por um movimento determinado de uma peça, para um jogador minimamente familiarizado com estratégia e tática, pressupõe “visualizar” e “imaginar” lances futuros, os próprios e os do adversário. É a essa capacidade de virtualizar as jogadas possíveis que muitos atribuem o talento dos enxadristas. Esse é um dos atributos valorizados pela grande mídia. Observei esse fascínio com o talento dos profissionais ao me atentar para o teor das perguntas que os entrevistadores fazem aos Grandes Mestres, por exemplo.

Assistindo a algumas entrevistas de jogadores profissionais disponíveis na internet, é perceptível que muitas das questões colocadas a eles envolvem uma tentativa de desvelamento desse dom. “O que tem de tão especial sobre o seu jogo?”

“quando você descobriu que o jogo era algo natural para você?”¹⁷. Perguntas para as quais as respostas parecem ficar aquém pois prevalece o discurso nativo segundo o qual se trata de uma manifestação “natural” e “espontânea” desse talento, ainda que os jogadores não deixem de lembrar do trabalho duro empreendido ao longo da carreira para o aperfeiçoamento do jogo. Como certa vez disse o Grande Mestre russo Garry Kasparov em uma passagem pelo Brasil: “se algumas pessoas aprendem música de ouvido, eu aprendi os movimentos do xadrez”¹⁸, simples assim. Aqui, a analogia com a música também não é fortuita. O atual campeão mundial, o jovem dinamarquês Magnus Carlsen, por exemplo, é conhecido no meio esportivo como o “Mozart do xadrez”, principalmente porque assim como o musicista austríaco, o enxadrista manifestou entusiasmo pelo jogo na tenra idade, aos cinco anos e muito precocemente aos treze já jogava contra grandes mestres. A representação de senso comum que relaciona xadrez e pouca idade é uma temática explorada, inclusive, por parte da cinematografia que tematiza o xadrez. Além da série que citei acima, os filmes “Lances Inocentes” e “Rainha de Katwe” desenvolvem narrativas em que o protagonista condensa essa combinação de talento e pouca idade.

Vale destacar dois pontos importantes sobre essa interseção entre talento e pouca idade. O primeiro deles é que o agente prodígio seja da música, do xadrez ou do futebol suscita certo espanto porque sua predisposição inata (DAMO, 2005) mostrou-se evidente para os outros muito cedo, o que não raro, leva à crença por parte daqueles que o cercam - ou por ele mesmo¹⁹ - de que se trata de uma dádiva divina.

Por vinte anos o pai [de Mozart] trabalhou sobre o filho, quase como um escultor em sua escultura - sobre o “prodígio” que, como costumava dizer, Deus tinha lhe dado como um favor do céu, e que não teria se tornado o que era sem o trabalho incansável do pai. (ELIAS, 1995, p.72).

Essa atribuição do dom às forças divinas também encontra ecos no campo esportivo do futebol como bem destacou Damo (2005). Nesse sentido, na condição de bem doado, o talento, convertido em dádiva porque fruto da obra e da benevolência divina, para ser pensado à luz da teoria da dádiva maussiana, precisaria conter ainda o elemento da reciprocidade e circularidade das trocas. Se no caso das práticas sacrificiais essa reciprocidade é de incumbência dos deuses (MAUSS, 1973), que agem secundariamente fornecendo proteção ao requerente, talvez fosse possível pensar que,

¹⁷ Acessado em 04/01/2021: <https://www.youtube.com/watch?v=jdkFP3oqXqM&t=138s>

¹⁸ Acessado em 05/01/2021: <https://www.youtube.com/watch?v=Xj01QnBCkr4>

¹⁹ Ver caso do jogador Ronaldinho Gaúcho em Damo (2005).

inversamente, o esportista (enxadrista e musicista) agraciado com o talento precisa retribuir ao divino, submetendo-se ele mesmo ao processo ininterrupto e doloroso de aprimoramento da dádiva. Como já fora interpretado por Vaz (1999, p.98), o treinamento esportivo pode representar uma forma de rito sacrificial contemporâneo porque para o alcance de um desempenho esportivo satisfatório, o corpo precisa ser submetido a um intenso processo de controle por meio da técnica, o que pressupõe renúncia, dor e sofrimento.

Como foi dito, é característico do sacrifício que haja um momento de engano e logro, e que de alguma forma o sacrificado sempre saia perdendo. Mais que isso, a forja do sujeito está associada ao sacrifício de parte de si mesmo, daquilo que é mais vivo, pelo mecanismo da renúncia à satisfação imediata e ilimitada das pulsões. Em outras palavras, pelo controle do corpo e seus perigos.

Porém, a concessão que o sacrificado faz, no caso, o esportista (e por que não o musicista e o enxadrista?), talvez não o coloque na posição de prejuízo, como argumenta o autor supracitado, apenas o insira na dinâmica livre e imposta da circulação das dádivas. Por mais que a genialidade se apresente a priori, ela somente se realiza enquanto tal com a disciplina do treino e convertida em performance de bons resultados objetivados por meio dos rankings oficiais. Afinal, todo talento “precisa ser lapidado”²⁰ e o agraciado não teria outra escolha a não ser fazê-lo e quando não o faz, torna-se nada menos que um “talento desperdiçado”.

Em última instância, podemos pensar que converter o dom em um uso social é uma forma de retribuir à divindade a dádiva recebida. Como no caso de Mozart, que não obstante a sensibilidade auditiva que manifestou desde muito cedo foi submetido a um programa educacional musical rígido e sistemático, sem o qual não teria seu prestígio reconhecido pela aristocracia europeia da época.²¹

Se examinarmos mais cuidadosamente estes anos, veremos evaporar ante nossos olhos a ideia de que o “gênio” estivesse presente desde o início, independentemente das experiências da juventude de Mozart, seguindo apenas suas regularidades internas e chegando à maturidade em obras como Don Giovanni ou a Sinfonia Júpiter. Fica claro que a peculiaridade de sua infância e seus anos de aprendizado estão indissolivelmente ligados às peculiaridades da pessoa de Mozart a que se aplica o conceito de gênio (ELIAS, 1995, p.70).

²⁰ Essa é uma expressão usada pelo senso comum, mas escutei de Fábio quando ele se referia ao estilo de jogo de um jovem enxadrista que havia sido seu aluno por alguns anos. Por ser jovem, disse ele, seu estilo de jogo ainda era um tanto “aventureiro”, pouco pragmático. Ser aventureiro nesse caso equivaleria ao talento bruto.

²¹ Aqui não estou focando tanto nas especificidades sociológicas da biografia do Mozart, parte fundamental da pesquisa de Elias.

Uma outra relação da teoria da reciprocidade com o contexto das práticas esportivas é aquela que faz Guedes (2006) ao abordar sobre como a dimensão de responsabilidade social, noção usada frequentemente para fundamentar a criação de projetos sociais esportivos, muitos deles levando os nomes de ex-atletas profissionais e idealizado por eles, pode ser uma forma de devolver à sociedade as dádivas obtidas durante a carreira. Para a autora, essa iniciativa dos ex-atletas pode ser entendida como etapa importante de uma carreira profissional, como uma espécie de consagração final de uma trajetória de sucesso.

Não se pode esquecer aqui as condições socioculturais que permitem que a retribuição aconteça dessa forma, ou seja, por meio desses empreendimentos pedagógicos como bem destaca a autora. Uma dessas condições é a popularidade das práticas esportivas entre o público-alvo desses projetos. Associada a essa condição, a própria visibilidade e capital social que o esportista dispõe também parecem ser pré-requisitos. Esses são pelo menos dois elementos que precisam se combinar para que o projeto tenha um bom desempenho. Na ausência de um deles - caso em que talvez possa se enquadrar o caso do xadrez no Brasil, pois embora haja no país enxadristas portadores do título de Grande Mestre, a popularidade desses jogadores ainda é restrita - a forma de reciprocidade ganhe outros contornos. Se o ponto de partida para esse exercício teórico foram as representações sociais que giram em torno do jogo e dos grandes enxadristas, cabe entender como essa questão do talento e da genialidade é significada pelos jogadores em nível clubístico.

O que pude perceber nessas primeiras aproximações é que embora a ideia sobre o talento e genialidade não seja completamente negada, principalmente quando se faz referência aos jogadores de ponta, ela parece ser minimizada ao menos em parte. Reforça-se a ideia de que o xadrez é uma atividade apreensível por todos e para todos. Para Vicente por exemplo, a associação entre xadrez e inteligência é ingênua pois saber jogar requer apenas um conjunto restrito de habilidades relacionadas ao pensamento lógico e que, portanto, não evidencia uma inteligência global do indivíduo. Fábio também compartilha dessa mesma ideia e, inclusive, diz que esse “culto à inteligência” do qual o xadrez é expressão no senso comum é prejudicial porque afastaria as pessoas do esporte.

Esse juízo de Fábio é algo que se articula muito bem com sua preocupação central atualmente que, na condição de presidente de um clube, está voltada para a

divulgação e popularização do xadrez, buscando, em última instância, ampliar a visibilidade da instituição. Essa proposta de gestão, segundo ele, seria uma renovação do espírito do clube que em anos anteriores tinha o caráter de ser um “clube para os amigos”:

O clube foi feito para os amigos, tipo nós temos muita gente interessada, nós somos amigos e nós vamos criar um clube, uma associação para nós. Ele não era criado para as pessoas virem e participar. Dava para ver claramente isso. Só que eles não eram fechados. Eles aceitavam gente de fora, só que não tinham um planejamento pra isso. Uma visão estruturada para isso. Era muita que provavelmente não havia essa impressão olhando de dentro. Só de quem chegava de fora. Eu tive essa visão assim. Existia uma distância. Só que eu era abusado. Ficava perguntando, ficava enchendo o saco. Ficava ligando.

Perseguir os significados sobre a relação entre genialidade e xadrez nesse primeiro momento, apesar de ter sido um questionamento inicial importante principalmente por não conhecer o esporte, apontou para outros elementos talvez mais caros àqueles que participam do campo.

Uma nota final

Neste ensaio busquei apenas esboçar as perguntas que poderão nortear o projeto de pesquisa que se desenha neste momento. Nessas primeiras aproximações tentei entender como é significada a categoria do dom na sua relação com o processo de esportivização do jogo a partir de dados preliminares. Percebi que muito mais do que esporte, privilegia-se sua relação com a arte e com a ciência, ideias que possivelmente reforçam aquela relativa à ideia de gênio. Mas embora sobre o xadrez paire ainda uma crença de que se trata de uma prática destinada às grandes mentes, a interação com alguns participantes mostra que essa noção da genialidade no xadrez pode ser uma barreira social para a popularização do esporte, apontando para um outro conjunto de questões que deverão ser elaboradas.

Se é verdade, como diz Geertz (2019) que para o antropólogo mais importante que o lócus de investigação são as perguntas que levamos até lá, no meu caso, meu pareceu importante efetuar ao menos as primeiras aproximações à aldeia concomitante ao processo de elaboração das questões, principalmente porque o xadrez ainda representa “uma outra língua” para mim, para usar os termos que ouvi de Fábio, que disse que quando chega em um ponto de ônibus com algum amigo enxadrista e fica comentando sobre algum jogo, as pessoas ao redor ficam olhando com ar de estranhamento.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese de Doutorado em Antropologia, UFRGS, 2005.
- DESJARLAIS, Robert. **Counterplay**: an anthropologist at the Chessboard. University of California press. California, 2011.
- ELIAS, Norbert. **A sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- FINE, Gary Alan. **Strategy and Sociability**: the mind, the body and the soul of chess. American Journal of Ply. Vol 6 n. 3 2014.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2019.
- GIGLIO, Sérgio Settani et al. O dom de jogar bola. Horiz. antropol. Porto Alegre , v. 14, n. 30, p. 67-84, dez. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 abr. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200003>.
- GUEDES, Simoni et al. Projetos sociais esportivos: notas de pesquisa. XII Encontro Regional de História. **Anais**.2006.
- HUIZINGA, Johan: **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1980. pp. 3 – 32.
- JUNIOR, Jair Antonio Bueno. **O Uso do tabuleiro de xadrez no apoio ao ensino da Matemática** ' 14/12/2017 56 f. Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Epu/Edusp, 1974.
- MELO, Wellington Aguiar de. **Influência da prática do xadrez escolar no raciocínio infantil**' 17/04/2015 128 f. Mestrado em Educação: UNB, Brasília, 2015.
- NEVES, Euripedes Rodrigues das. **A prática do xadrez no contexto escolar e a aprendizagem de alunos com deficiência intelectual**' 15/05/2017 174 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: UNB, Brasília, 2017.
- RODRIGUES, Moesio Lima. **O xadrez como um instrumento de ensino aprendizagem na perspectiva do ensino da matemática.**' 12/08/2015 63 f. Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional. UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE, Acre, 2015.
- ROJO, Luiz. Fernando. Caminhando através de trilhas fechadas: reflexão sobre objetos nunca ou quase nunca estudados na antropologia brasileira. **Análise Social**, v. L (4), p. 766-782, 2015.
- SHENK, David. **O jogo imortal**. Zahar: Rio de Janeiro, 2004.
- VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cad. CEDES** [online]. 1999, vol.19, n.48, pp.89-108.
- VAZ, Alexandre Fernandez. Teoria Crítica do esporte: origens, polêmicas e atualidades. **Esporte e Sociedade**, ano 3, n.7, nov. 2007.

WACQUANT, Loic. **Corpo e Alma:** notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.